



ANCESTRALIDADE AFRICANA NA CASA DA MÃE ROMANA, SÍTIO JACUBA, NATIVIDADE, TO

AFRICAN ANCESTRALITY AT CASA DA MÃE ROMANA, SÍTIO JACUBA, NATIVIDADE, TOCANTINS, BRAZIL

Mírian Aparecida Tesserolli⁵³
Leandro Rui Carvalho Batista Oliveira⁵⁴

ABSTRACT

Attentive to the voices that lead the life and influence of Mãe Romana, in southeastern of Tocantinens (Brazilian Legal Amazon), the article discusses the interpretive force of her art and faiths to face the worldly injustices, which the remaining population of the enslaved peoples feel more Depth. The complexity of its manifestations and eloquence of the movement that accompanies it is also a metarrelato of how it led a critical confrontation to the certainties of progress and development.

RESUMO

Atentos às vozes que conduzem a vida e influência de Mãe Romana, no sudeste Tocantinense, o artigo discorre sobre a força interpretativa de sua arte e fês para enfrentar as injustiças mundanas, as quais a população remanescente dos povos escravizados sentem com mais profundidade. A complexidade de suas manifestações e eloquência do movimento que a acompanha é também um metarrelato de como protagonizou um enfrentamento crítico às certezas de progresso e desenvolvimento.

KEYWORDS

ancestry; Natividade; Afro-Brazilian art

PALAVRAS-CHAVE

ancestralidade; Natividade; arte afrobrasileira

Introdução

A casa da Mãe Romana

⁵³ Doutora em Antropologia, Universidade Federal do Tocantins: mirian@uft.edu.br

⁵⁴ Licenciado em História, Universidade Federal do Tocantins: leandro_alianca@hotmail.com



Figura 1 - Entrada do Centro Bom Jesus de Nazaré, no Sítio Jacuba - 27/09/2009 (acervo Mirian Tesserolli)

Ao chegar à casa da Mãe Romana é impossível não ser tomado por algum sentimento de maravilhamento, seja ele de deslumbramento, seja de surpresa. O encantamento com a manifestação da ancestralidade africana que as obras locais afloram, ora diretamente, remetendo à figura de alguma divindade afro-religiosa, ora indiretamente, através do sincretismo entre as diversas figuras que é intenso. A figura registra a entrada do sítio.

Deve-se entrar pela esquerda e sair pela direita, respeitando o sentido horário. Inicialmente lembra um labirinto construído com pedra canga (ou laterita). Aos poucos, vão se revelando imagens que remetem a um sincrético universo religioso.

As esculturas mais antigas são feitas de pedra canga e cimento:



Figura 2 - Esculturas Produzidas por Mãe Romana no Sítio Jacuba - 30/08/2014 (acervo Mirian Tesserolli) mais antiga, à esquerda, e mais recente, à direita.

As mais recentes absorveram outros elementos: arames, pedaços de espelhos, pedras, cores. A Mãe Romana vive em um local denominado Centro Bom Jesus de Nazaré, situado no sítio Jacuba, a quatro quilômetros da cidade de Natividade, no Tocantins. Esta é uma das mais antigas cidades do Estado, fundada no século XVIII, erguida em pleno ciclo do ouro. Natividade tem um rico acervo arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico. Localizada na região sudoeste do Tocantins, distante 218 km da capital, Palmas. Em outubro de 1987, foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –



IPHAN, como patrimônio histórico nacional, escrita nos Livros do Tombo Histórico; Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

No sítio há um rico acervo de esculturas que foram produzidas ao longo de mais de duas décadas. Mãe Romana fala sobre o início dos trabalhos com pedras:

Isso começou em janeiro de 90. Então o mais duido, o mais duido, graças a Deus nessa época eu tinha mais força, já tava cansada de mexer com gente, mais ainda tinha mais força do que hoje. Então o mais duido foi os primeiros sete anos. Que foi de janeiro de 90 a janeiro de 97. Então foi os sete anos mais duidos, porque eu trabalhei que eu pensei que ia morrer di trabalhar. Porque as vezes chegava cinco seis peças por dia eu não tinha tempo pra nada, pra nada, era correndo assim garrada nas pedras. (ROMANA PEREIRA DA SILVA, 28/09/2012).

Como já foi salientado, é possível perceber que para a confecção das mesmas foram utilizados muitos materiais: pedra canga, cimento, arames, pedaços de espelho e vidro. São feitas ao ar livre, possuem tamanhos diversos, às vezes pequenos, às vezes chegando até três metros de altura. Estas são produzidas exclusivamente para fins ritualísticos, tanto as esculturas, quanto os desenhos em cartolinas não são produzidos para fins comerciais. Mãe Romana tem uma relação singular com a arte que produz. Ela destaca que:

Muitas e muitas vezes chegou alguma energia, alguma peças dessas em tamanho descomunal, que a gente olhava assim, dava frio de olhar o tamanho e eu falava com elas, mas eu não posso eu não dou conta de te fazer, e ai ela responde, ela conversa com a gente. E ai elas falava eu sei Romana, mas você pode fazer eu pequenininha, que destar que na hora eu fico no tamanho que é prá ser, na hora que bater o levantar do grande eixo que a terra levantar elas todas ligar [...] Vão ligar, vão ficar eles falam para mim assim, que nem eu que fiz todas elas não vou conhecer é poucas que eu vou conhecer, porque ela vai ficar em tamanho gigantesca (ROMANA PEREIRA DA SILVA, 07/06/2012).



Figura 2 - Esculturas confeccionadas em diferentes tamanhos localizadas na parte externa da Casa de Mãe Romana - 03/08/2012 (acervo Leandro Rui Carvalho Batista Oliveira)

Desta maneira, não é possível falar das esculturas, ou de qualquer outra obra de arte produzida por Mãe Romana, sem atentar para as questões religiosas. De acordo com Mãe Romana tudo que existe no Sítio Jacuba está a serviço do *fundamento*⁵⁵. Os rituais, as esculturas, os desenhos em cartolina (Figuras 2 e 3), e as pinturas murais, foto 8, fazem parte de um conjunto de práticas que, juntas, compreendem a totalidade deste:



Figura 3 – Desenho em papel e caneta
– 30/08/2014 (acervo Mirian
Tesseroli)

É porque este fundamento, que é isso aqui tudo, isso aqui tudo é um fundamento. Então ele tem várias partes; tem as de desenho, ele tem as partes de pedra, tem as partes de arame, como você está vendo as antenas. Tem as partes de arame, tem as partes de comida, a parte de semente, a parte dos bichos, a parte de água, e a parte de roupas, então de tudo tem, cada um deles são divididos em várias partes, é um fundamento só com várias partes. (ROMANA PEREIRA DA SILVA, 06/07/2012).

A Mãe Romana menciona e enfatiza as vozes que escuta, informando que elas dizem que o eixo do planeta entortou devido ao choque de um asteroide com a terra. Com isso, ocorreram grandes cataclismas e, com estes, o desaparecimento dos dinossauros. Ainda segundo Mãe Romana, a terra será novamente



Figura 4 - Pinturas murais no salão principal da Casa de Mãe Romana - 03/08/2012 e 03/06/2017 (acervo Leandro Rui Carvalho Batista Oliveira e Mirian Tesseroli)

⁵⁵ Mãe Romana não define o conceito de fundamento. No dicionário de cultos afro-brasileiros Olga Gudolle Cacciatore (1988, p. 129) descreve o fundamento como “Religião, terreiro, ou qualquer coisa apoiada em força divina, com base sólida e tradicional” [...]. Cacciatore ainda assinala que os fundamentos são “assentamentos objetos que contêm o axé (V.) das divindades e ficam enterrados sob o centro ou outro local especial do terreiro, constituindo a base mística do mesmo”. Nas casas de Candomblé, independente da tradição, nos assentamentos das divindades são encontrados elementos que também são encontrados ao pé das esculturas de Mãe Romana, a exemplo de água, flores e oferendas. Enquanto que nos Candomblés a água é colocada em uma quartinha de barro, na casa da Mãe Romana é colocada em uma garrafa; flores são frequentemente vistas nos assentamentos; oferendas podem ser velas e alimentos e esses dois elementos são encontrados tanto nos candomblés, como na casa da Mãe Romana.



atingida por um asteroide, semelhante ao que extinguiu os dinossauros há milhões de anos. Para ela, esse fenômeno causará destruição e muitas mortes. Depois deste choque, o mar invadirá as cidades e aparecerão grandes rachaduras no solo do planeta. Ela justifica que tudo que faz é a pedido das vozes que ouve e que todo trabalho está a serviço do que chama de *fundamento*. Mãe Romana enfatiza que “aqui é uma coisa para a firmeza da terra, para preparo da terra, isso é uma coisa que acho pertence ao mundo inteiro, a terra inteira. Porque se isso aqui é uma segurança para a terra, então ele pertence para a terra”.

No Sítio Jacuba, diversos rituais são realizados. Podemos encontrar elementos de diferentes religiões, como ladainhas e benditos rezados em latim, cantos e transes. Observa-se que o sincretismo está presente nas práticas religiosas e produções artísticas realizadas na casa de Mãe Romana. Segundo Pierre Nora, este espaço caracteriza-se como um lugar de memória. Nora (p.13) argumenta que os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, que não há memória automática, que é necessário conservar os aniversários, organizar celebrações, proferir elogios fúnebres etc., já que essas operações não são naturais. Os lugares de memória são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional, concomitantemente, somente em graus diversos:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, p. 21).

Para Nora, a razão fundamental de ser de um lugar de memória é para o tempo bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial. Os lugares de memória vivem de sua aptidão para a metamorfose. O autor assinala que as aproximações históricas e científicas da memória, sejam elas dirigidas às da nação ou das mentalidades sociais, tinham a ver com a realia, com as próprias coisas cuja realidade em sua maior vivacidade elas se esforçavam por apreender. Distintamente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Para Pierre Nora (p. 27), “eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica,



ao contrário”. Porém, o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, precisamente, eles escapam da história. Portanto, o lugar de memória caracteriza-se como um lugar duplo, pois ao mesmo tempo é um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, no entanto, constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

É assim a casa da Mãe Romana: um lugar de memória que remete à ancestralidade dos africanos e seus descendentes que foram para a cidade de Natividade, Tocantins. Hampate Ba acentua que nas sociedades orais a função da memória é mais desenvolvida, também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Hampate Ba (KIZERBO, 2010, p. 168) afirma que: “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra”.

Assim, a palavra proferida e a arte produzida pela Mãe Romana no sítio Jacuba se complementam: ora com os ensinamentos ditados pela ancestralidade, ora com o sincretismo que se apresenta em todo o seu saber/fazer.

A presença das *Iyami*

Pierre Verger escreveu um texto, *Grandeza e decadência do culto de Ìyàmi Òxòròngà (Minha Mãe Feiticeira) entre os Yorubá*, que foi baseado nos *Itans*, narrativas feitas pelos *Babalawo Yoruba* (pais ou guardiães do segredo) e que são transmitidas oralmente de uma geração para outra. Nessas narrativas, Verger mostra que *Iyami* é uma força que só é utilizada pelas mulheres. Segundo o autor, “os *orixás* são o *àse* das forças da natureza, o dos poderes e potência das mulheres é *Ìyàmi*” (p. 34). As *Iyami* ou *Eleye* (dona do pássaro) são mulheres polêmicas, pois contém na sua representação o bem e o mal. Estão relacionadas à criação do mundo na cosmovisão iorubana: a ela foi dada uma cabaça, que é a imagem do mundo nessa visão e repositório do seu poder (p. 16). Segundo uma das histórias, quando chegam ao mundo, empoleiram-se em sete árvores, três trabalham para o bem, três para o mal e uma para o bem e para o mal (p.22). Quanto mais se aproximam das religiões africanas, mais as afro-religiões negam a dicotomia ocidental entre o bem e o mal. Assim, o bem e o mal estão inegavelmente juntos.

No sítio Jacuba existem várias esculturas que remetem a pássaros, que podem ser vistos como uma referência às pombas do Divino Espírito Santo. Por exemplo, nas fotografias da Figura 5:



Figura 5 - Esculturas de pombas produzidas por Mãe Romana no Sítio Jacuba localizadas na parte externa da Casa - 07/03/2015 (acervo Mírian Tesserolli)

Mas também existem esculturas que a Mãe Romana e as pessoas que lá vivem dizem que são pombas, mas cuja aparência é diferente, mas remetem a pássaros, como nas fotos a seguir:



Figura 6 - Esculturas de pássaros produzidas por Mãe Romana no Sítio Jacuba, localizadas na parte externa da Casa - 07/03/2015 (acervo Mírian Tesserolli)

É possível destacar que a presença feminina é bastante forte no Sítio Jacuba, especialmente pela presença da própria Mãe Romana, líder que expressa sua religiosidade através não apenas das orações, mas também a partir da arte. Arte essa que remete à ancestralidade africana na sua expressão mais genuína. Esses pássaros remetem à figura das *Iyami*, que representam o poder ancestral feminino.

As Senhoras dos Pássaros da Noite, como também são chamadas de *Iyami*, se transformam em pássaros para realizar tarefas; seu corpo fica em casa, inerte na cama até o retorno do pássaro, quando este finaliza sua tarefa (p. 17).

A pedra canga e *Exu*



Figura 7 - Esculturas de pássaros produzidas por Mãe Romana no Sítio Jacuba, localizadas na parte externa da Casa - 07/03/2015 (acervo Mírian Tesserolli)

Essas imagens (Figura 7), para mim, são emblemáticas no que diz respeito à arte da mãe Romana. Tem várias interpretações. Nesse momento, importa-me pensar em um falo saindo da terra, transformando pedra canga (laterita) em divindade: *Exu Yangí*, o que tem uma ligação profunda com a laterita vermelha, aquela que abunda no Centro Bom Jesus de Nazaré, situado no sítio Jacuba, a quatro quilômetros da cidade de Natividade, Tocantins. O falo acompanha *Exu*⁵⁶, é o símbolo da fertilidade, está intrinsecamente ligado com seu papel, incumbência ou finalidade nas diversas cosmovisões das religiões africanas e afrobrasileiras. Existem várias esculturas fálicas no Centro.

O falo na cosmovisão africana e afrobrasileira é visto como elemento fertilizador, como o que vai na frente, abrindo caminhos. São feitos assentamentos dedicados a essa divindade, compostos de pequenas esculturas fálicas, cabaças, muitos búzios (que além de simbolizar riqueza, também tem ligação com o sol). Entre os *fon* é uma divindade que assusta os inimigos étnicos. O antigo reino do Daomé, atual Benin, existia uma divindade

⁵⁶ Exu não é o diabo, não é obsceno, não é malicioso, não é bárbaro e sanguinário.



chamada *Legba* e é bem possível que durante as invasões dos *ioruba* nesse território, estes tenham incorporado esse culto, apontando para o culto de *Exu*⁵⁷.

No Centro Bom Jesus de Nazaré a obra de arte cria um mundo sincrético a partir da religiosidade popular presente na cidade, que tem forte influência católica. Mas esse universo sincrético re-apresenta elementos de diversas culturas e religiosidades: catolicismo popular, esoterismo e com uma presença muito marcante, as afroreligiões. No Centro, mãe Romana aproxima memórias, agregando amontoados de pedra canga.

Ao pé de todas as esculturas encontram-se garrafas com água. A água é elemento primordial em todas as oferendas que se faz às divindades africanas e afro-brasileiras, nenhum ritual ou oferenda se faz sem a presença desse elemento. Lody informa que a água é “um dos elementos mais significativos e propiciadores dos terreiros, é capaz de intermediar e promover o encontro entre *Exu*, os antepassados e os Deuses” (p. 84). Na casa da Mãe Romana as re-apresentações dos elementos encontram-se: água, primordial em todos os rituais; a pedra-canga, de *Exu* que foi a primeira divindade criada na cosmovisão iorubana, que foi a primeira a aflorar quando a terra estava se formando, também segundo a cosmovisão iorubana⁵⁸; as esculturas das divindades e dos ancestrais; e as *Iyami*.

Mãe Romana observa tanto suas práticas artísticas quanto as religiosas como missão/obrigação e diz que tudo que faz “tomará” vida quando ocorrer a mudança do eixo da terra. Um recomeço no qual as figuras rerepresentadas viverão e mostrarão seus saberes/fazeres às pessoas que ao Sítio Jacuba vierem em busca de ajuda. Nesse momento, as Senhoras dos Pássaros da Noite estão adormecidas no Centro Bom Jesus de Nazaré em um berço de pedra canga e, como estão ligadas à criação, assim que mudar o eixo da terra, acordarão e se tornarão parte desse grande recomeço que a Mãe Romana anuncia. Sua obra

⁵⁷ Da mesma forma que o culto de Nanan foi assimilado pelos Iorubá, dando a ela o status de orixá, enquanto que no reino do Daomé era uma deusa criadora.

⁵⁸ Os mitos são atemporais, mesmo a laterita tendo sido formada no terciário, aqui, ela está ao lado de *Exu*, uma das primeiras divindades a existir. A pedra canga está ligada à criação. Cada uma das divindades africanas está ligada a uma pedra e esta é a de *Exu*, o primeiro que foi criado por *Oludumare*, o deus criador na tradição iorubana. Nessa tradição, *Oxalá* foi a primeira divindade criada, mas foi criada pela interação de *Olorum* consigo próprio. Já *Exu* foi criado a partir do hálito sagrado de *Olorum* e do caos existente.



de arte nasce como um mundo se organizando e criando um novo mundo, como diz Iberê Camargo.

Referências

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Cultural Italo Brasileiro-Instituto Italiano di Cultura, 1996.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LODY, Raul. **Tem dendê, tem axé: etnografia do dendezeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi. Grandeza e Decadência do Culto de Ìyàmi Òsòròngá (Minha Mãe Feiticeira) entre os Yorùbá. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **As Senhoras do Pássaro da Noite**. Escritos sobre a Religião dos Orixás V. São Paulo: EDUSP: Axis Mundi, 1994.

Entrevistas com ROMANA PEREIRA DA SILVA.